

## A VOZ

É tão suave ess'hora,  
Em que nos foge o dia,  
E em que suscita a Lua  
Das ondas a ardentia,

Se em alcantis marinhos,  
Nas rochas assentado,  
O trovador medita  
Em sonhos enteados!

O mar azul se encrespa  
Coa vespertina brisa,  
E no casal da serra  
A luz já se divisa.

E tudo em roda cala  
Na praia sinuosa,  
Salvo o som do remanso  
Quebrando em furna algosa.

Ali folga o poeta  
Nos desvarios seus,  
E nessa paz que o cerca  
Bendiz a mão de Deus.

Mas despregou seu grito  
A alcíone gemente,  
E nuvem pequenina  
Ergueu-se no ocidente:

E sobe, e cresce, e imensa  
Nos céus negra flutua,  
E o vento das procelas  
Já varre a fraga nua.

Turba-se o vasto oceano.  
Com hórrido clamor;  
Dos vagalhões nas ribas  
Expira o vão furor

E do poeta a fronte  
Cobriu véu de tristeza;  
Calou, à luz do raio,  
Seu hino à natureza.

Pela alma lhe vagava

Um negro pensamento,  
Da alcíone ao gemido,  
Ao sibilar do vento.

Era blasfema ideia,  
Que triunfava enfim;  
Mas voz soou ignota,  
Que lhe dizia assim:

«Cantor, esse queixume  
Da núncia das procelas,  
E as nuvens, que te roubam  
Miríades de estrelas,

E o frémito dos euros,  
E o estourar da vaga,  
Na praia, que revolve,  
Na rocha, onde se esmaga,

Onde espalhava a brisa  
Sussurro harmonioso,  
Enquanto do éter puro  
Descia o Sol radioso,

Tipo da vida do homem,  
É do universo a vida:  
Depois do afã repouso,  
Depois da paz a lida.

Se ergueste a Deus um hino  
Em dias de amargura;  
Se te amostraste grato  
Nos dias de ventura,

Seu nome não maldigas  
Quando se turba o mar:  
No Deus, que é pai, confia,  
Do raio ao cintilar.

Ele o mandou: a causa  
Disso o universo ignora,  
E mudo está. O nume,  
Como o universo, adora!»

Oh, sim, torva blasfémia  
Não manchará seu canto!  
Brama a procela embora;  
Pese sobre ele o espanto;

Que de sua harpa os hinos  
Derramará contente  
Aos pés de Deus, qual óleo  
Do nardo recendente.